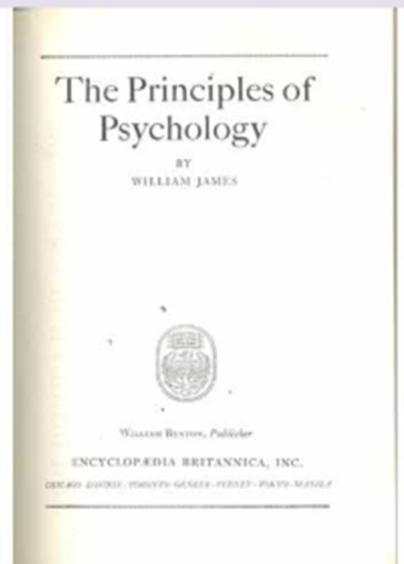
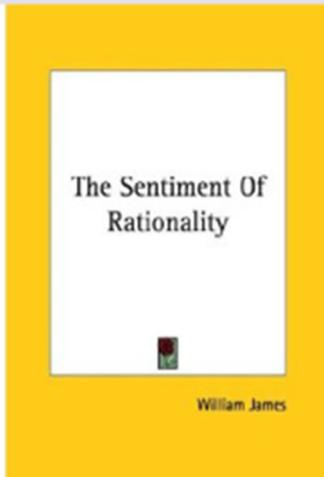




**WILLIAM JAMES: um “fazedor de idéias inquietantes” para o passado, presente e futuro da psicologia.**

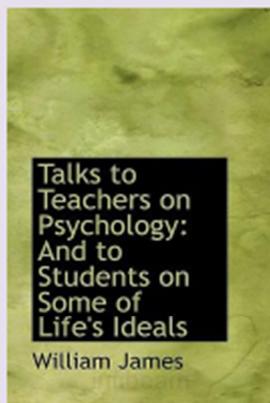


Com a primeira edição datada de 1878, esta é considerada por muitos historiadores e filósofos da psicologia, não só a obra mais bem desenvolvida do próprio William James, como uma obra que demarca um ponto de viragem na psicologia da época, especialmente no debate com a obra de Wundt, inaugurando relações que não mais abandonarão a psicologia.



1ª. Edição em 1879.

- cada pessoa pode reconhecer sua própria racionalidade, assim como reconhece outros aspectos de si, através de marcas subjetivas que a afetam;
- dentre essas marcas, podem estar presentes intenso sentimento de paz, descanso, tranquilidade e suficiência de si mesma com relação ao momento presentemente vivenciado, assim como sentimentos antagônicos a esses;
- o reconhecimento consciente da presença de sentimentos vivenciados são a marca da racionalidade humana.

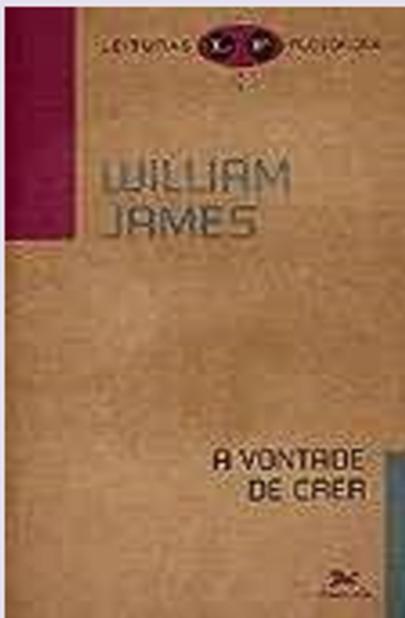


1ª. Edição em 1899.

- no ensaio intitulado "Certa Cegueira dos Seres Humanos" aborda a dificuldade dos seres humanos em se colocarem uns nos lugares dos outros;
- antecipa discussões filosóficas e psicológicas sobre essa real possibilidade, bem como sobre a deseabilidade dessa possibilidade;
- no âmbito psicológico, essas questões remetem às relações humanas como território do engano, das tensões, dos compartilhamentos e das diferenças.

• referências adicionais:

- Simão, L. M. e Mitjás, A. "O Outro no Desenvolvimento Humano: diálogo para a pesquisa e prática profissional em psicologia". São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- Simão, L. M. Ensaio Dialógico: compartilhamento e diferença nas relações eu - outro. São Paulo: HUCITEC, 2010.



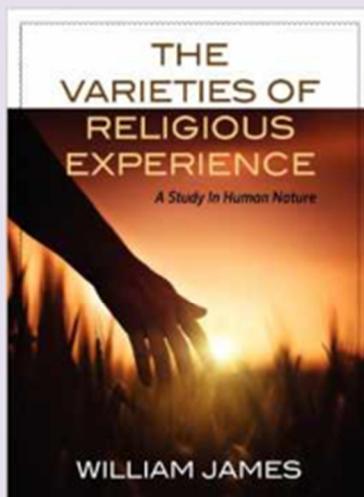
1ª. Edição em 1897.

- questões do direito de crer em algo e da precedência da crença sobre fatos, podendo aumentar o sucesso da pessoa em circunstâncias adversas;
- os processos psicológicos são afetivamente orientadores das ações na 'futuridade', isto é, afetam a expectativa que orienta, cognitivamente e emocionalmente, a ação racional;
- antecipa algumas das colocações dos psicólogos da Gestalt (Köhler e Koffka), assim como do Psicólogo Cultural Ernst Boesch;

• no capítulo sobre “Ação Reflexa e teísmo”, argumenta sobre a existência de “uma opacidade última das coisas, uma dimensão do ser que nos escapa ao controle teórico” (p. 143), antecipando questões atinentes à alteridade e aos limites da racionalidade para a compreensão das relações interpessoais;

•referência adicionais:

- Simão, Souza e Coelho Jr., “Noção de Objeto, Concepção de Sujeito: Freud, Piaget e Boesch”, Casa do Psicólogo, 2002.
- Simão. L. M. e Valsiner, J. (Orgs.) “Otherness in Question: Labyrinths of the Self”. Information Age Publishing, 2007.



Edição original de 1902 (reprodução ao lado: capa da edição de 2013): William James toca aqui na questão da experiência individual, pessoal, com o transcendente, com o divino, como uma das mais relevantes experiências para a formação do self. Coloca a experiência mística como paradigmática das polaridades inerentes à natureza humana, que não se docilizam ou reduzem-se à perspectivas exclusivamente racionalistas.

W. James (1902) As Variedades da Experiência Religiosa – Um Estudo sobre a Natureza Humana

III Conferência – A REALIDADE DO INVISÍVEL

“Se nos pedissem para caracterizar a vida da religião no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustarmo-nos harmoniosamente a ela. **Essa crença e esse ajustamento são as atitudes religiosas da alma.** Desejo, durante essa hora, chamar-lhes a atenção para algumas **peculiaridades psicológicas** de atitudes como essa, ou seja, de **crença em um objeto que não podemos ver.** **Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, assim como religiosas, devem-se aos ‘objetos’ de nossa consciência,** às coisas que **acreditamos existir** junto de nós, sejam **reais** ou **ideais**” (p. 44/ 61\*).

\* em itálico, original em inglês, edição da Modern Library, 2002.

- A reação produzida por coisas do **pensamento** pode ser até mais forte que a produzida por **presenças sensíveis.**
- A força da religião (cristã) deve-se à crença em **ideias puras**, “para as quais **nada da experiência passada do indivíduo serve diretamente de modelo**” (p. 44).
- **Colocando-se a questão de forma extremamente sintética: James vê sentido no “como...se” da razão prática kantiana, mas rejeita o primado da razão pura, do intelecto.**
- “Todo o universo de **objetos concretos** (...) navega num universo mais amplo e mais alto de **ideias abstratas**, que lhe emprestam sua **significação.** Assim como o tempo, o espaço e o éter penetram todas as coisas, assim (sentimo-lo) a bondade, a beleza, a força, a importância, a justiça, abstratas e essenciais, penetram todas as coisas boas, fortes, importante e justas”(p. 46). **[BOESCH – 1916-]**
- “Em muitas mentes, a ‘ciência’ está tomando o lugar da religião. Onde isso acontece, **o cientista trata as ‘Leis da Natureza’ como fatos objetivos que devem ser reverenciados**” (p. 46)

A partir dos relatos de experiências (casos):

- o funcionamento mental se dá segundo um **sentido de realidade presente mais difundido e geral** do que aquele que **os nossos sentidos especiais nos fornecem**;
- o interesse do psicólogo deve estar mais na faculdade (na possibilidade do acontecimento psicológico) do que em sua base orgânica;
- sentido de **realidade** e de **irrealidade**;
- “Podemos agora admitir como certo que na esfera puramente religiosa da experiência, muitas pessoas (não podemos dizer quantas) possuem os objetos de sua crença, não só na forma das meras concepções que seus intelectos aceitam por verdadeiras, mas em forma de realidades quase sensíveis, diretamente apreendidas” (...) “...o sentido de realidade pode ser algo mais parecido com uma sensação do que com uma operação intelectual propriamente dita” (p. 50);

- a **brevidade e o caráter de verdade** do acontecimento místico;
- a **crença** como refratária a contra-argumentos **lógico-racionais**;
- a cronicidade da presença do idolatrado, na inteireza de sua afetação ininterrupta;
- a parte da vida mental explicada pelo **racionalismo** é relativamente superficial, embora detenha o prestígio, em detrimento da **intuição** [**HENRI BERGSON - 1859 – 1941**];
- “Nossa crença impulsiva é sempre o que ergue o corpo original da verdade, e a nossa filosofia verbalizada é apenas a sua aparatosa tradução em fórmulas” (p. 56).
- Atitudes que os objetos religiosos despertam: **alegria**, tristeza, medo, **júbilo** [**PIERRE JANET-1859-1947** ];

- “(...) a religião do homem envolve tanto estados os mentais de contração quanto os estados mentais de expansão do ser. Mas a mistura quantitativa e a ordem desses estados mentais variam tanto de uma época do mundo, de um sistema de pensamento e de um indivíduo para outro, que podemos insistir não só no pavor e na submissão, mas também na paz e na liberdade como a essência da matéria, e ainda permanecer materialmente dentro dos limites da verdade” (p. 57).